A ALFABETIZAÇÃO ATRAVÉS DA LINGUAGEM

NELSON ALVES DA SILVA

RESUMO
O artigo explora as diferenças conceituais entre alfabetização e letramento, ressaltando a importância de ambos os processos na formação dos alunos. A alfabetização é descrita como o aprendizado de ler e escrever, enquanto o letramento vai além, englobando a capacidade de interagir criticamente com a cultura escrita. A Psicolinguística, como abordagem que integra a Psicologia Cognitiva e a Linguística Aplicada, é apresentada como fundamental para compreender os processos cognitivos envolvidos na leitura, que vão desde a percepção visual e decodificação até a compreensão de textos mais complexos. O texto também aborda o impacto da falta de uma base sólida na alfabetização durante os primeiros anos de escolarização, especialmente até a quarta série, evidenciando que dificuldades nesta fase comprometem o desenvolvimento de habilidades dos leitores mais avançados. Por fim, o texto conclui que o ato de ler é fundamental não apenas para o sucesso acadêmico, mas também para o desenvolvimento da cidadania e da vida social. Para reverter a crise de leitura enfrentada nas escolas, é necessário um trabalho conjunto entre professores, família e a própria sociedade, buscando despertar o interesse pela leitura de forma crítica e criativa, capacitando os alunos a enfrentarem os desafios de uma sociedade complexa e em constante transformação, onde o domínio da leitura e da escrita é essencial para a participação ativa no mercado de trabalho, na vida política e no exercício pleno da cidadania.

Palavras Chaves: Alfabetização; Letramento; Psicolinguística; Leitura abrangente; Ensino.

ABSTRACT
The article explores the conceptual differences between literacy and literacy skills, highlighting the importance of both processes in student education. Literacy is described as learning to read and write, while literacy skills goes further, encompassing the ability to critically interact with written culture. Psycholinguistics, as an approach that integrates Cognitive Psychology and Applied Linguistics, is presented as fundamental to understanding the cognitive processes involved in reading, which range from visual perception and decoding to the understanding of more complex texts. The text also addresses the impact of the lack of a solid foundation in literacy during the first years of schooling, especially up to the fourth grade, highlighting that difficulties at this stage compromise the development of skills in more advanced readers. Finally, the text concludes that the act of reading is fundamental not only for academic success, but also for the development of citizenship and social life. To reverse the reading crisis faced in schools, joint work between teachers, families and society itself is necessary, seeking to awaken interest in reading in a critical and creative way, enabling students to face the challenges of a complex and constantly changing society transformation, where mastery of reading and writing is essential for active participation in the job market, in political life and in the full exercise of citizenship.

Keywords: Literacy, Literacy skills, Psycholinguistics, Comprehensive reading, Teaching.

INTRODUÇÃO

Atualmente crianças chegam à escola para ler, mas o que os professores fazem é ensinar a escrever para depois ler.

O enfoque da Psicolinguística, ramo concorrente da Psicologia Cognitiva e da Linguística Aplicada, julgam a capacidade de ler tarefa árdua, compreendendo nela diversos processos e níveis cognitivo-linguísticos, os quais começam com a captura visual e seu fim se dá na decodificação do mesmo e sua compreensão. Cito, desta forma, meios básicos, e elevados da capacidade leitora. Os primeiros denominados de nível inferior. Tendo por fim reconhecer e compreender as palavras. Os segundos, acima citados, objetivam a compreensão de textos. Ambos funcionam para o ensino de Português, e da leitura, pois trabalham com a forma interati-

va ou interdependente.
Nas primeiras etapas da aprendizagem da leitura, é necessário o processo básico. Tendo em vista evitar deficiências, sobretudo até a quarta série, pois se houver neste caminho alguma dificuldade neste sentido, será comprometedor nos processos superiores de compreensão leitora.
Processos perceptivos e processos lexicais ocorrem através da decodificação. Os processos perceptivos referem-se à percepção visual. Esta disponibiliza a compreensão acerca de coisas, lugares e eventos do mundo visível. Logo, esse entendimento, está atrelada a ideia de memorização de longo prazo e a cognição.
Nossa sociedade atual exige na atualidade pessoas com conhecimentos diversificados com uma leitura compreensiva, informática entre outros conhecimentos, para tornar fundamental o desenvolvimento humano nos jovens.

AS DUAS FIGURAS HISTÓRICAS DA ALFABETIZAÇÃO.
Quando nos mostramos decepcionados com os êxitos da alfabetização no presente, não estamos olhando para o passado nem para outras facetas de nosso mundo; estamos olhando para o futuro, para os nossos ideais. E, é claro, quando comparamos nosso mundo com nossos ideais, a conclusão é irrefutável: estamos muito longe de tê-los alcançado.
Há duas figuras históricas que encarnam os ideais sobre a alfabetização que podem ajudar-nos a entender nossas pretensões educativas.
A primeira delas é Santo Ambrósio, bispo de Milão na segunda metade do século IV, que embora não tenha contribuído diretamente para a alfabetização como a entendemos hoje, é uma figura importante para a história da leitura e da educação, com uma influência indireta, mas significativa. Sua importância para a alfabetização está principalmente no incentivo à leitura silenciosa, um conceito revolucionário para a Antiguidade. Esse hábito de leitura, que Ambrósio adotou e praticou, transformou a forma como se interagia com o texto, promovendo uma abordagem mais reflexiva e pessoal.
Na época de Ambrósio, a leitura em voz alta era a norma, mesmo quando realizada de maneira privada. Ao ler em silêncio, ele introduziu a ideia de que a leitura poderia ser um ato de introspecção e meditação, uma prática profundamente pessoal. Esse modo de leitura permitia uma conexão íntima e direta com o conteúdo, sem a necessidade de externalizar a experiência para outros ouvintes. Dessa forma, ele plantou as sementes para um tipo de alfabetização que não se limita à decodificação de símbolos, mas que também é um exercício de interpretação, reflexão e compreensão interna.
Essa mudança teve implicações educacionais duradouras, pois antecipou uma maneira de interagir com a palavra escrita que permitiria mais tarde um desenvolvimento da alfabetização voltada para a autonomia do sujeito. O exemplo de Ambrósio, portanto, demonstra que a leitura pode ser um ato de contemplação e formação ética individual, valores que inspiram abordagens contemporâneas de alfabetização que focam no letramento crítico.
Embora Ambrósio não fosse um educador, seu impacto na tradição de leitura foi notável. Ele inspirou um modo de leitura que encoraja a interiorização dos textos, algo que encontra paralelos em teorias modernas de educação. Educadores e teóricos da alfabetização, como Paulo Freire, Magda Soares e Emília Ferreiro, refletem esse princípio ao promoverem a alfabetização não apenas como um aprendizado mecânico, mas como uma formação integral que capacita o sujeito a interpretar, criticar e compreender o mundo. Dessa forma, a prática de leitura silenciosa de Santo Ambrósio pode ser vista como uma contribuição importante na evolução da alfabetização como um processo intelectual e pessoal.
O segundo personagem é o filósofo muçulmano Averróis, que contribuiu indiretamente para o processo de alfabetização, especialmente através de seu papel na preservação e difusão do conhecimento filosófico e científico da Antiguidade. Em uma época em que o Ocidente medieval havia perdido o contato com muitos dos textos clássicos gregos, Averróis não apenas traduziu, mas também interpretou e comentou amplamente as obras de Aristóteles, tornando-as acessíveis a um público maior. Essas traduções e co-

mentários foram fundamentais para revitalizar o pensamento filosófico e científico na Europa, influenciando o desenvolvimento do pensamento crítico e as práticas educacionais que moldariam o processo de alfabetização.
Averróis defendia que o conhecimento deveria ser obtido pela razão e pela investigação. Ele acreditava que ler e compreender profundamente um texto exigia análise crítica, incentivando a leitura reflexiva, na qual o leitor questiona, interpreta e busca compreender além da superfície. Esse tipo de abordagem formou a base de uma alfabetização mais avançada, que ia além da simples decodificação de palavras e se estendia ao desenvolvimento do pensamento lógico e analítico.
Aqui estão alguns pontos específicos sobre como Averróis ajudou a fortalecer o processo de alfabetização:
Difusão do Conhecimento Clássico: Averróis traduziu e comentou as obras de Aristóteles e outros filósofos gregos, cujo conteúdo havia se perdido na Europa cristã. Essas traduções em árabe foram posteriormente traduzidas para o latim e introduzidas nas universidades europeias, onde se tornaram essenciais para a educação. Esse movimento reintroduziu na Europa um modelo de aprendizado baseado na análise lógica, estimulando uma alfabetização voltada para o pensamento reflexivo.
Promoção da Leitura Crítica: Averróis incentivava o estudo racional e crítico dos textos. Seus comentários sobre Aristóteles buscavam explicar e aprofundar o conteúdo, desafiando o leitor a compreender o contexto, a lógica e a argumentação dos escritos. Esse enfoque preparava os alunos para uma leitura ativa, fundamental para a alfabetização crítica, onde ler implica interpretar, questionar e refletir.
Influência nas Práticas Educativas da Idade Média: A difusão das ideias de Averróis nas universidades europeias ajudou a moldar o currículo educacional, influenciando a educação medieval e a estrutura do pensamento escolástico. As universidades, a partir da presença desses textos, passaram a valorizar a análise lógica e a leitura interpretativa, elementos que se tornariam parte essencial da alfabetização acadêmica.
Ideia do Conhecimento como Acesso Universal: Averróis defendia a ideia de que o conhecimento deveria ser acessível a todos que estivessem dispostos a aprender, independentemente de religião ou status. Esse pensamento sobre a democratização do saber ressoa com a filosofia moderna de alfabetização, que vê o direito à educação como fundamental para o desenvolvimento humano e a construção de uma sociedade crítica e inclusiva.
Estabelecimento de uma Tradição de Pensamento Racional: Averróis promovia o uso da razão como meio para a compreensão do mundo e das escrituras religiosas. Esse legado influenciou os pensadores renascentistas e iluministas que moldaram a educação ocidental, colocando a alfabetização como um meio de empoderar o indivíduo e de desenvolver sua capacidade de raciocínio.
Assim, a influência de Averróis no processo de alfabetização foi indireta, mas profunda. Ele ajudou a estabelecer as bases para uma educação que não se limitava a aprender a ler e escrever, mas que estimulava o pensamento crítico e a capacidade de interpretação — componentes essenciais para a alfabetização em seu sentido mais pleno. Através de seu legado, a alfabetização tornou-se mais do que uma habilidade técnica, transformando-se em uma ferramenta de desenvolvimento intelectual e de autonomia para a compreensão do mundo.

A DIFERENÇA ENTRE ALFABETIZAR E LETRAR.
A diferença entre alfabetização e letramento atribui a consideração ao acesso a um mundo da escrita bem como muito mais que a um processo de apenas aprender a ler e a escrever.
Faz-se necessário que na escola o educador esteja atento às crianças entre oito e nove anos de idade para problemas de leitura e de escrita, pois nesta fase a troca de fonemas reflete algumas vezes numa deficiência de ordem linguística, na formação inicial da alfabetização e do letramento da criança. Sabe-se que muitas deficiências são encontradas na própria pedagogia.
E é fato que muitos profissionais da educação têm deficiência de formação. Portanto, a má formação dos educadores é involuntária e com isso traz sérias consequências para o

processo leitor do aluno.
Sabe-se que se ensinarmos a criança com cinco vogais, usando o sistema linguístico da Língua Portuguesa, será considerado este alicerce fraco demais, proporcionando ao aluno uma possível dislexia, portanto é necessário ensinar as 12 vogais. É preciso saber que vogais são os sons da fala e não apenas as letras.
As vogais são consideradas fonemas que são unidades sonoras das palavras e têm a ver com a leitura. As letras representantes das vogais ou sons da fala têm uma grande relação com a escrita, porém, a escrita não é o espelho da fala como é dito não é necessariamente como se escreve.
Quando existe uma troca de letras constante é possível imaginar que exista uma deficiência na origem fonológica das informações linguísticas que fazem uma diferença na habilidade Leco escritora da criança.
Os fonemas /d/ e/t/ são consoantes consideradas linguodentais. Sendo uma surda (/t) e a outra sonora (/d/). Os pais devem sempre prestar atenção quanto ao uso desses fonemas pelos filhos para perceberem se estão sendo articulados de maneira correta de forma espontânea na fala de seus filhos ou nas leituras de textos escolares.
Podemos detectar se há deficiência fonológica através da pronúncia ou soletração de fonemas como: /f/ e /v/ e as labiodentais /p/ e/b/.
Os pais devem ter o hábito de usar em casa sempre gramáticas, no entanto, as gramáticas muitas vezes não trazem os conteúdos profundamente e sim superficialmente.
Ao ensinar a criança deve se repetir várias vezes as palavras e pedir que a criança dislexa olhe o movimento labial que é feito para falar certos fonemas e em seguida pedir que a criança repita o fonema imitando a articulação labial feita, pode-se dizer que este sistema é antigo, mas o importante é o aprendizado, não importando ele como for. A repetição é a mãe do conhecimento. Será a repetição que trará a consciência dos fonemas.
Desta forma, ajudará muito se os pais assim o fizerem para seus filhos. Uma vez que a família é extremamente responsável pelo sucesso acadêmico dos seus filhos e por isso os pais não devem ter qualquer receio de abrir uma gramática ou um dicionário escolar para ensinar a língua materna.
Os pais que se propõem a ensinar seus filhos mesmo não sendo pedagogos poderão dessa maneira auxiliar na formação leitora dos seus filhos.
Nas escolas de educação básica alguns professores descrevem registros de crianças que são inteligentes e brilhantes, porém, não conseguem ler, escrever e nem tem boa ortografia.
Esse problema também é relatado em níveis superiores e em exames pré-vestibulares onde encontram-se casos inaceitáveis de pessoas com um nível de compreensão da leitura muito baixa e uma ortografia péssima.

O LETRAMENTO E A ALFABETIZAÇÃO NA ESCOLA.

A chegada da palavra letramento é apenas mais um exemplo dessa irrefreável evolução da língua, reflexo do desenvolvimento e do aprofundamento do saber, essa palavra surge, como muitas outras já surgiram e muitas outras vêm surgindo na área da educação e do ensino, não propriamente para nomear novo fenômeno, mas para designar uma nova percepção, uma nova compreensão de um processo que em si não é novo: o processo de aprendizagem da escrita.
A palavra alfabetização sempre teve o sentido, ou melhor, um significado conceitual na área da educação: o processo de ensinar e ou aprender o sistema da escrita. Enquanto o problema social e educacional maior era que, na escola, jovens e adultos analfabetos aprendessem a ler e a escrever, tornando-se alfabetizados.
A palavra alfabetização e o conceito que lhe era atribuído processo pelas quais essas aprendizagens ocorreriam foram satisfatórios, tanto para leigos quanto para profissionais do ensino e da educação. Paulo Freire (1975, pág.104) protestava contra a alfabetização puramente mecânica e defendia uma alfabetização direta e realmente ligada à democratização da cultura.
Alfabetização é entendida como um processo de ensinar a aprender a ler e escrever, onde, alfabetizado é aquele que sabe ler e escrever.
A alfabetização não pode ser reduzida a uma

tecnologia ou técnica de leitura e de escrita. Ser uma pessoa letrada não significa ser alfabetizada, no sentido que Paulo Freire dava ao termo. O termo alfabetização não perdeu sua força significativa diante da emergência dos novos usos da língua escrita, como argumentam alguns. Nem o termo inglês Literacy - Letramento traduz as práticas que envolvem a leitura e a escrita. O termo letramento tem sido utilizado atualmente por alguns estudiosos para designar o processo de desenvolvimento das habilidades da leitura e da escrita nas práticas profissionais e sociais.

O surgimento deste termo, segundo alguns autores, está na demanda da sociedade, cada vez mais centrada na escrita, que exigem adaptabilidade às transformações que ocorrem em ritmo acelerado, atualização constante, flexibilidade e mobilidade para ocupar novos postos de trabalho. Emília Ferreiro (2003) nega-se a aceitar esse retrocesso conceitual. Ao invés de se curvar a esse novo anglicismo, ela traduz Literacy por cultura escrita, e não por letramento. Porém, não se trata somente de um retrocesso conceitual, trata-se, lamentavelmente, da tentativa de esvaziar o caráter político da educação e da alfabetização uma armadilha na qual muitos educadores hoje estão caindo, atraídos por uma argumentação que, à primeira vista, parece consciente.

Logo, não se trata apenas de palavras, de brigar por terminologias. Trata-se de uma posição ideológica que busca negar toda a tradição freireana. A distinção entre alfabetização e letramento obriga a considerar o acesso ao mundo da escrita muito mais que um processo de apenas aprender a ler e a escrever.

Fazem-se necessário esclarecer que a crise da leitura retrata a crise da escola, da sociedade econômica, crises estas que contêm a formação dos alunos. Diante desse quadro, cabe-nos, como educadores, primeiramente sabermos respeitar os alunos, reconhecendo, inicialmente, o fato de este ter uma história a contar. Resta-nos deixar sua história fluir, fazendo com que ele seja capaz de interagir com outras linguagens. Considerando tais ideias, foram realizadas experiências que levaram a descobrir novas possibilidades de trabalho com a criação de textos, incluindo o poético. No intuito de entender o processo que leva o aluno a escrever e partindo desse pressuposto de que toda pessoa alfabetizada, sem disfunções psicológicas e disposta a aprender, pode vir a redigir bem desenvolvemos várias experiências, permitindo uma reflexão acerca do que valorizarem nas produções dos alunos. Este então passou a considerar os erros de forma diferente e a classificá-los também de formas diferentes: terminologia, concordância, pontuação.

A partir desse trabalho é que se conseguiu fazer com que o aluno entendesse que existe um leitor do seu texto e que a escrita deve preencher a distância entre a pessoa que escreve e a pessoa que lê o trabalho, exigindo assim do aluno cuidados de organização na escrita.

Estas observações privilegiam um ensino mais flexível, ao mesmo tempo em que existe uma proposta que dirige e organiza, abrindo ao aluno possibilidades de escolha e criação, indagação e reformulação.

O ATO DE LER AUMENTA O APRENDIZADO.

Para que o aluno tenha interesse pela leitura esse interesse deve ser despertado. Hoje os professores do ensino primário já estão incluindo em seu currículo a formação de literatura infanto juvenil.

Os professores de Língua Portuguesa devem conhecer todos os seus alunos para que possa ter uma visão de todos os tipos de linguagem e dificuldades de leitura.

A habilidade de ler e escrever poderia ter retorno melhor em seu meio com o trabalho interdisciplinar e a ajuda de profissionais da medicina como psicólogos e fonoaudiólogos, mas com soluções endógenas, advindas do próprio ambiente escolar. O professor, principal agente do processo educador, precisa ter qualificação referentes à pedagogia da escrita. Além disso necessário se faz um trabalho eficaz dentro da escola, pois problemas como trocas de letras simétricas perdurará por toda trajetória escolar. Em alguns casos, claro, com menos frequência. Em outros, porém não.

A escola vem oferecendo a leitura aos alunos como um simples ato de ler, mas o aprendizado da leitura deve ser priorizado no ensino fundamental e no ensino médio para que

o aluno possa ler um texto ou um livro e saiba dar um sentido ao que foi lido.
A falta da leitura na escola faz com que os alunos não façam uma leitura compreensiva na hora de prestar um concurso ou um vestibular, sua leitura torna-se superficial e fragmentada das questões lidas, e isso explica os inúmeros erros na escolha das questões ou alternativas corretas, tornando suas respostas dissociadas do contexto da questão e escolha de afirmações contraditórias e excludentes.

Os alunos escrevem somente o que a escola quer e ensina, não sabendo que o importante é que se tornem alunos críticos e argumentativos para que possam estar preparados para entrar em uma sociedade difícil e competitiva no mercado de trabalho e na vida social. A partir de dados do Enem podemos ver o quanto nossa escola retrocede atualmente tornando contraria as ideias de uma sociedade letrada.
Nossa sociedade atual exige na atualidade pessoas com conhecimentos diversificados com uma leitura compreensiva, informática entre outros conhecimentos, para tornar fundamental o desenvolvimento humano nos jovens. Para o exercício da cidadania e para a qualificação do trabalho.
Gostaríamos que o hábito da leitura fosse despertado nos alunos, para que algumas leituras não sejam feitas somente pelas imagens que alguns livros proporcionam ou pela apresentação que alguns trazem com capas e ilustrações chamativas.
Muitas vezes a crise da leitura retrata a crise que a escola e a sociedade econômica vêm sofrendo, crises estas que contêm a formação dos alunos. Diante disso é possível colocar em prática um trabalho que atingiu grande contingente de alunos da rede oficial de ensino, que seria conhecer mais profundamente a real realidade de alunos e professores de uma periferia e fazendo amadurecer uma proposta onde seja visado uma mobilização para a leitura e produção de textos atuais.
Hoje, muito se fala sobre a importância da correção ao falar e escrever a nossa Língua Portuguesa. Se isso tem um papel educativo mais geral, não podemos deixar de pensar como fica a variedade linguística em nosso país. Ao contrário do que se difundem, os linguistas têm claro que no Brasil existem muitas peculiaridades no falar e na forma de se expressar. De um modo geral, as legítimas são aquelas oriundas das camadas de maior prestígio social e econômico, ainda que rompam com o modelo da gramática normativa.
O mesmo não acontece com as formas de expressão das camadas populares, sobretudo oriundos do interior. Esses conceitos precisam ser discutidos, uma vez que têm dificultado a participação de muitos alunos nas atividades escolares, no convívio social dentro e fora da escola, impedindo que muitos possam "assumir a palavra". Com isso pretendemos debater o papel da escola em relação ao preconceito linguístico, que muitas vezes levamos ao desprestígio da oralidade e impede que a leitura seja acessível ao aluno. Enfocaremos como a escola deve trabalhar com as variedades linguísticas e ajudar o desenvolvimento da leitura.
Existe um grande conflito entre os jovens e a leitura nos dias de hoje, nossos jovens não têm o hábito de ler por falta de acesso ou por falta de motivação e incentivo. Esse conflito dos alunos com a leitura origina-se também a partir do próprio educador que não faz com que o aluno se interesse pelo mundo da leitura com conteúdo que o tragam para este muito, poderia o educador trabalhar com textos que o abordassem mais a realidade do aluno e com isso não mudaria o texto, mas sim a forma de interessar o aluno pela leitura.

O ATO DE LER AUMENTA O APRENDIZADO: NUMA PERSPECTIVA DE AUTORES BRASILEIROS.

A afirmação de que a leitura impulsiona o aprendizado é um consenso no campo educacional. Autores brasileiros como Paulo Freire, Maria Teresa Eglér Mantoan e Ana Teberosky contribuíram significativamente para enriquecer essa discussão, oferecendo perspectivas únicas e complementares sobre o tema.
Segundo Paulo Freire a leitura é um ato político e transformador que não se limita à decodificação de palavras e sim um processo dialógico, que envolve a troca de ideias e a reflexão crítica sobre o texto. Ao ler, o indivíduo não apenas adquire informações, mas

também se apropria de ferramentas para se tornar capaz de compreender e transformar sua realidade e construir um mundo mais justo.
Freire defende que a leitura do mundo precede a leitura da palavra. Ao entrar em contato com o mundo, o indivíduo constrói conhecimentos que se tornam a base para a compreensão dos textos.
Para Maria Teresa Eglér Mantoan, a leitura é um direito de todos e deve ser acessível a todos os alunos, incluindo aqueles com necessidades especiais. Mantoan considera a leitura como ferramenta poderosa para promover a inclusão e a valorização da diversidade. Ela destaca a importância da leitura para o desenvolvimento integral de todos os alunos, independentemente de suas características biopsicossociais. De acordo a autora, a leitura contribuí para o desenvolvimento de diversas habilidades, como a compreensão, a interpretação, a imaginação e a criatividade.
Ana Teberosky, psicóloga e pesquisadora, define a leitura como um processo construtivo onde os processos de leitura e escrita em crianças são investigados destacando a importância da interação social e cultural na construção do significado. Teberosky ressalta que a leitura não é um processo passivo, mas uma construção ativa de significado, que envolve a interação entre o leitor, o texto e o contexto. Deste modo, a leitura deve ser uma atividade prazerosa, que estimule a curiosidade e a vontade de aprender.

PONTOS EM COMUM E COMPLEMENTARIDADES

Embora cada autor apresente uma perspectiva única, todos convergem para a ideia de que a leitura é um processo complexo e fundamental para o desenvolvimento humano. Alguns pontos em comum e complementaridades entre os autores incluem:
A leitura como prática social: A leitura não é um ato isolado, mas uma prática social que se insere em um contexto histórico e cultural.
A leitura como construção de significado: A leitura não se resume à decodificação de palavras, mas à construção de significados a partir da interação entre o leitor, o texto e o contexto.
A leitura como ferramenta de transformação: A leitura não apenas amplia o conhecimento, mas também transforma o indivíduo, permitindo-lhe questionar a realidade e construir um mundo mais justo e igualitário.
Em resumo ao explorar as ideias de Freire, Mantoan e Teberosky, podemos concluir que o ato de ler é muito mais do que uma simples decodificação de palavras. É um processo complexo e multifacetado que envolve a construção de significados, a interação social e a transformação pessoal. Ao ler, desenvolvemos habilidades cognitivas, emocionais e sociais que nos permitem compreender o mundo de forma mais profunda e crítica.

CONCLUSÃO

A leitura e a escrita são ferramentas que levam seus usuários a alegria, progresso e o sucesso, mas em igual número leva a discriminação, exploração e vergonha aos que delas são excluídos, pois atualmente nos deparamos com muitas crianças que não sabem ler ou escrever e muitos adultos analfabetos que foram esquecidos dentro da escola, esses são chamados de excluídos de dentro, frequentaram até as séries finais, mas não são capazes de ler ou escrever espontaneamente algo além de seus nomes.
Precisamos que alguns docentes deixem de lado seus preconceitos com relação aos alunos que dão problemas e encare-o como uma oportunidade de aprendizado como qualquer outro aluno que o leve a proporcionar meios de colaboração e evolução da maneira que pensam.
As reflexões são possíveis de serem obtidas a partir das leituras feitas, para delas haver suporte para a pesquisa, que reorienta a prática.
Esta realimenta e enriquece o pensar. É ela que devolve ao pensar novos dados a serem incorporados na atuação pedagógica. É importante destacar que este estudo exigiu um conhecimento da qualidade de pesquisas pesquisa-ação, necessitando de reorganização do trabalho dos professores.
É preciso refletir as ações para a busca de autonomia e criar estratégias para produção de conhecimento.
O interesse foi centrado na análise das re-

lações do ato da leitura, e de escrever-para fornecer contínua formação aos professores e que exercem suas funções pedagógicas em salas de aulas de escolas públicas. O foco e o fim deste estudo na primeira etapa, encaminharam-me à pesquisa-ação como metodologia subjacente que mais se aproxima da natureza dessa investigação.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALÉGRIA, Jesus, LEYBAERT, Jacqueline e MOUSTY, Philippe. (1997). "Aquisição da leitura e distúrbios associados: Avaliação dos problemas de leitura: os novos modelos teóricos e suas implicações diagnósticas. Porto Alegre: 1995.

FREIRE, P. Pedagogia da Autonomia: Saberes Necessários à Prática Educativa. 15. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

FERREIRO, E. Alfabetização e Cultura Escrita. Revista Nova Escola, Maio 2000.

MARCHESI, A; MARTINS, E. Qualidade do Ensino em Tempos de Mudança. Porto Alegre: Artmed, 2003.

OLIVEIRA, J. B. A. ABC da Alfabetização. Belo Horizonte: Alfa educativa, 2002.

PIAGET, J. O julgamento moral na criança. Editora Mestre Jou. São Paulo, 1977.

SOARES, M. Pátio – Revista Pedagógica. P. 51, n° 34, ano IX, 2005.

SANTOS, M. T. M.; NAVAS, A. L. G. P. (Org.). Distúrbios de Leitura e Escrita. Barueri: Manole, 2002.

TEBEROSKY, A. O Saber das Crianças. In: ___. Aprendendo a Escrever. São Paulo: Ática, 1994.

VYGOTSKY, L. S. A Formação Social da Mente. São Paulo: Martins Fontes, 1984.